

POLIVOX

- [entrevistas](#)
- [ensaios](#)
- [discos](#)
- [aquela canção](#)
- [colunas](#)
- [especiais](#)
- [mais](#)
 - [perfis](#)
 -
 - [curtas](#)
 -
 - [improvisos](#)
 -
 - [visual](#)
 -
- [sobre](#)
- [macaco elétrico](#)

[colunas](#)

Reprodução da violência na discussão entre esquerda e direita

por [Eduardo Losso](#), abril de 2014

Tweet

- A+
- A-

No final dos anos 60, a oposição entre direita e esquerda se incorporava na música de consumo, representada basicamente pela jovem guarda, que assimilava os instrumentos eletrônicos do rock internacional sem acréscimos relevantes, e a música de protesto, que queria resguardar o espaço da MPB de influências estrangeiras. O tropicalismo interviu para dar um curto-circuito entre os dois polos estanques da oposição. O que a melhor obra de arte faz, no plano formal, é instrutivo para o pensamento crítico, especialmente na situação atual.

Sempre se desvia do ponto no bate-boca entre direita e esquerda. Quem está de um lado se sente amparado pelos amigos, para dar livre curso ao ódio aos inimigos: típica política pobre de amigo X inimigo. O ponto, nesses casos e outros, é geralmente simples e nada novo. Em vez de se defender, admirar ou odiar os justiceiros do Flamengo, por exemplo, a responsabilidade está, em primeiro lugar, no falho sistema de segurança, na polícia ausente até mesmo nas áreas nobres e, em segundo, na falta de educação, saúde, mínimas condições de vida nas favelas, tratamento violento das UPPs, etc. É a partir daí que as reivindicações do melhor das manifestações partem. Porém, todo o trabalho ideológico de desvio do ponto se empenha em levar os polos opositivos a reproduzirem mais a violência do fato no discurso. Quando o bate-boca é alimentado, o ponto principal fica em segundo plano, e só passa para o primeiro falsas convicções eternamente vociferadas. Enquanto isso, dinheiro e recursos estão sempre disponíveis, e são usados para mil outras coisas inúteis que não o ponto.

O que de fato move, psiquicamente, o discurso da vitimização é, no fundo, um desejo de vingança contra a cegueira da classe média. E, obviamente, o que move o discurso de direita da classe média é também o desejo de vingança contra “vagabundo”. A nada nova espetacularização da luta de classes obscurece, no

fundo, lutas reais e legítimas. Olho por olho, dente por dente, isso no país de maior número de cristãos no mundo. Quem sai perdendo a fala e a visão somos nós, nesse bate-boca sem fim, e quem está sempre “se dando bem” é aquele que não vive mais nem no Flamengo, nem mesmo na Barra.

O senso estratégico da mídia sabe que esse tipo de pólvora dá uma ótima explosão. O crescente medo de ser a próxima vítima, que assomba a todos, mobiliza o grito no bate-boca, cai na isca e alimenta o círculo vicioso da violência: justifica mais assassinatos do Bope na favela, mais assaltos cada vez mais atroz no Flamengo e... mais justiceiros vindo por aí. E mais medo. E mais ódio.

Desde que o rap entrou em solo nacional e dominou as favelas, seguido do funk, temos a clara representação de um novo tipo de música de protesto, vinda diretamente de influência americana. O período áureo do rock inglês e americano, no seu tempo, rendeu bons frutos no mundo todo, inclusive no tropicalismo brasileiro, que soube produzir um filtro assimilativo que é hoje paradigmático para qualquer relação do músico brasileiro com novidades.

Toda a cultura europeia cresceu idealizando a Grécia: perfeição clássica, origem das artes, ciências, filosofia. O Brasil, reagindo a séculos de colonização e exploração europeia, inclusive de idealização, não encontra solução melhor do que idealizar o pior dos EUA: discurso de minorias X fundamentalismo, criminalidade X aparelhos totalitários de segurança. Mas rapidamente conseguimos ser muito, muito mais avançados nesses quesitos do que os EUA. Podemos agora dizer, com orgulho, que somos a vanguarda do excremento americano, no plano sócio-político. No plano estético, os resultados do rap e funk nacional não carecem de marcas próprias e interessantes resultados. A questão que deixo em aberto aos experts, pois eu ainda não saberia dar resposta, é a de até que ponto o modelo americano de protesto e sua versão brasileira são de fato críticos do sistema, ou se eles também alimentam em vão a espetacularização da oposição. E o melhor dos EUA e da Europa? E da Grécia? Disso não fazemos a mínima ideia. E de nós mesmos? Esquecemos já faz algum tempo.



Eduardo Losso é professor de teoria da literatura da UFRRJ. Pesquisa, entre outros temas, as metamorfoses da indústria cultural e do valor estético e poesia brasileira contemporânea.



[especiais](#)

[Canção no tempo presente](#)

[colunas](#)

[Lisboa tem África](#)

[especiais](#)